

A Psicologia Social e a Análise do Fato Social¹

Almir Del Prette²
Universidade Federal de Uberlândia

*O Capitão Jonathan
Estando com 18 anos,
Captura um dia um pelicano numa ilha do extremo oriente.
O pelicano de Jonathan,
De manhã, põe um ovo inteiramente branco
E daí sai um pelicano
Espantosamente parecido com ele.
E esse segundo pelicano
Por sua vez põe um ovo inteiramente branco
De onde sai, inevitavelmente,
Um outro que faz o mesmo.
Isso pode persistir por muito tempo
Se antes não fizermos um omelete.
Robert Desnos
(Extraído do livro "A reprodução", de Bourdieu e Passeron)*

Resumo

O presente trabalho desenvolve algumas considerações decorrentes do conceito de fato social em Durkheim, analisando a proximidade da Sociologia com a Psicologia a partir da superação do pensamento durkheimiano nessas disciplinas. O autor defende uma abordagem psicossociológica ao fato social considerando-o como um contínuo com polaridades sociais e psicológicas.

¹Este artigo constitui uma versão ligeiramente modificada de um trabalho apresentado no V Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Intercâmbio Científico), realizado em maio de 1994. O autor agradece as sugestões dos colegas do Grupo de Trabalho da ANPEPP, Profa. Dra. Marise B. Jurberg (EICOS-UFRJ), Prof. Dr. Paulo Rogério Menandro (UFES) e Profa. Dra. Tânia Barros Maciel (EICOS-UFRJ).

²Endereço para correspondência: Depto. de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Caixa Postal 593, Uberlândia, MG, 38400

The Social Psychology and the Analysis of Social Fact

Abstract

This paper makes some reflections regarding Durkheim's concept of social fact. Overcoming the ideas of Durkheim about Sociology and Psychology, the proximity between these two areas a knowledgement is analysed. The author presents a psychosocial approach to the social fact, defending a continuum from the social to a psychological pole.

O poema acima dá, metaforicamente, uma clara idéia do que teria se sucedido no desenvolvimento das várias ciências sociais ou humanas, caso suas fronteiras se tornassem impermeáveis. Parece-nos, portanto, totalmente justificado a sua inclusão na introdução do presente texto.

A distinção entre o social e o psicológico, em termos do objeto da Psicologia Social e de outras ciências, não é clara. Por um lado, parece haver uma certa tendência de se sintetizar ambos os aspectos pela denominação psicossocial e, por outro, as definições da Psicologia Social e da Sociologia não contribuem na solução do problema. Os conteúdos conceituais da Psicologia Social acabam por situá-la como um campo entre a Psicologia Geral e a Sociologia. Assim considerando, o *socius* pouco tem a ver com a sociedade e as questões decorrentes dessa categoria, tornando-se apenas uma adjetivação para o termo indivíduo.

O presente trabalho aborda aspectos que são relevantes nessa reflexão tomando, como questão central, a noção de fato social. Nesse esforço, retoma a tradição durkheimiana, discutindo as especificidades da Sociologia e da Psicologia, os campos e constituição dos objetos, a idéia de interdependência e contrapõe Mauss à Durkheim, defendendo uma análise social e psicológica para a compreensão do fato social.

O social e o individual

Para Durkheim (1982) a organização social se configura como um fato real graças à formação de um consenso entre os indivíduos ou a emergência de uma consciência coletiva. Essa consciência coletiva depende, para se desenvolver, da criação de símbolos que funcionam como elementos comuns e integradores, elaborados através das relações dos indivíduos entre si. Nesse sentido, a sociedade não é um sistema passível de se confundir com o somatório das individualidades que a compõem.

Essa concepção, bastante difundida, fornece a base da análise durkheimiana na separação dos objetos de estudo da Sociologia e da Psicologia. Na concepção desse sociólogo, há sempre um processo que associa e combina as individualidades, de forma *sui generis*, através da mediação da dinâmica social. Tal processo resulta em uma fusão das consciências individuais na sociedade, dando origem, conforme Durkheim (p. 96),

"a um ser psíquico se quisermos, mas que constitui uma individualidade psíquica de novo gênero".

Considerando a sociedade como uma entidade não redutível aos elementos que a compõem, Durkheim também estabelece e defende enfaticamente que os fenômenos sociais não podem ser explicados em termos de causas psicológicas. Tal pensamento influenciou várias gerações de sociólogos e, sendo considerada uma questão quase axiomática, tratou-se de delimitar as fronteiras entre a Sociologia e a Psicologia. À primeira cabia desenvolver-se como ciência das funções societárias, buscando o seu sentido unitário e a sua regularidade; a Psicologia Social deveria se incumbir do estudo das relações sociais, em termos genéricos.

Essa prescrição parece ter sido levada em consideração durante muito tempo, tendo a Psicologia Social se definido como a ciência que estuda as interações sociais entre os indivíduos e, por outro lado, no âmbito da Sociologia, qualquer referência às possíveis causações psíquicas dos fenômenos sociais era feita, conforme Moscovici (1990), de forma envergonhada.

Mas nem tudo permaneceu como Durkheim pretendia e Sociologia e Psicologia, por muitas razões, buscaram uma maior proximidade. Contribuíram fortemente para que essa proximidade de fato se efetivasse, a constituição da Sociologia Marxista, a chamada Escola de Frankfurt, a difusão da tendência culturalista da Psicanálise e o fortalecimento de uma Psicologia de natureza mais sociológica na Europa. Nesse período, a Sociologia passa a alçar seus olhos para além da sociedade, encontrando-se com o indivíduo (atores sociais) e, com ele, a sua subjetividade e o seu comportamento. Por outro lado, a constatação, na Psicologia, Social, a partir da crise de 70, de que o comportamento não ocorre no vácuo (Tajfel, 1972) fortalece a tendência de se levar em conta o papel da estrutura social, cuja apreensão, pelos indivíduos, gera um sistema de crenças que afeta o seu comportamento. Segue-se, portanto, que o rigor do sociologismo durkheimiano, com todas as suas consequências, passa a ser menos disseminado e aceito, o que se dá tanto por um movimento de dentro para fora da Sociologia, quanto em um sentido inverso³.

É interessante registrar, a despeito de ausência de dados empíricos para citá-los aqui, o intercâmbio crescente entre as ciências e um certo *zeitgeist* nas tentativas de superação dos reducionismos e na busca do que tem sido referido como uma visão holística⁴ ou "um novo paradigma" nas ciências.

³Foram muitos os autores que contribuíram para uma maior proximidade da Sociologia com as questões do psicologismo e da Psicologia às do sociologismo. Entre outros, podem ser citados: Adorno e Coi. (1950), Bastide (1950), Fromm (1964; 1969), Janousek (1972), Horkheimer e Adorno (1973), Freud (1976), Touraine (1976, 1981), Moscovici (1978, 1985, 1990), Berger e Luckmann (1983).

⁴Oberva-se, atualmente, um verdadeiro fenômeno editorial das chamadas visões ou posições alternativas em quase todos os setores do conhecimento humano. Obviamente, nem todas essas obras podem ser classificadas como de boa qualidade. No campo da Psicologia, o movimento transpessoal al-

Parece facilmente aceitável, em nossa época, uma posição crítica à rígida demarcação entre disciplinas como a Sociologia e a Psicologia Social. Mas a idéia de intercâmbio e de objetos comuns não significa o esvanecimento de certas especificidades que contribuem na formação da identidade dos profissionais de campos distintos.

A interdependência entre várias disciplinas vai além da noção de objetos comuns e se constrói no desenvolvimento de projetos interdisciplinares, na troca de experiências e na complementaridade de diferentes níveis de análise. Essas considerações remetem para a questão da natureza do fato social que será abordada em seguida.

Fatos sociais e psicológicos são a mesma coisa?

As discussões precedentes e as que se seguem, ao nosso ver, não podem ser elaboradas ignorando-se a influência do pensamento durkheimiano nas ciências sociais em geral e, em particular, na Sociologia e na Psicologia.

Embora o termo Psicologia Social, conforme Doise (1985), tenha sido utilizado, em primeira mão, por Carlo Cattaneo, em 1863, defendendo na época a natureza interpessoal do desenvolvimento cognitivo, foi Durkheim quem traçou a divisória entre os objetos da Sociologia e da Psicologia Social. Também em *As regras do método sociológico*, pode ser encontrada a expressão Psicologia Social, a qual deveria, porém, limitar-se aos estudos sobre a psicologia das multidões, representados, na França, por Gabriel Tarde e Gustave Le Bon,⁵ particularmente no que se refere à "ideação coletiva". Aliás, Emile Durkheim não esconde a sua má vontade com a Psicologia em geral e com a Psicologia Social particularmente. Ao atribuir a esta a tarefa de explicitar as leis da ideação coletiva, afirma que, nesse campo, a ignorância prevalece e que a Psicologia Social "não é mais do que um termo a designar toda espécie de generalidades variadas e imprecisas, sem objeto definido"(p. xxvii).

Ao determinar o campo e o objeto da Sociologia buscando traçar seus contornos, Durkheim acabou por delinear os limites nos quais a Psicologia deveria permanecer. Embora a Psicologia Social tenha se desenvolvido em um sentido contrário ao projeto durkheimiano, e talvez por isso mesmo, ela acabou mantendo-se, por muito tempo, presa a um "individual socializado".

Voltando a Durkheim, este afirma, em *As regras do método sociológico*, que nem todo acontecimento humano pode ser entendido como fato social. Ocorrências

cança um dinamismo surpreendente. De passagem, pode-se citar Grof (1984), Bateson (1985), Laing (1987), Wilber (1989), Walsh e Vaughan (1991), Assagioli (s. d.).

⁵O leitor poderá dispor, em língua portuguesa, de uma edição recente de Tarde (1992). Com respeito a Le Bon, há uma referência em português (s.d.) e uma versão para o espanhol (1986). Análises sobre ambos autores, podem ser encontradas em Horkheimer e Adorno (1973), Reicher (1984), Moscovici (1985), Del Prette (1990a, b).

cotidianas, de caráter particular, não são classificáveis como fatos sociais. Para receber tal qualificação, o fato social tem que ter uma exterioridade à consciência individual e deve possuir um poder de coerção sobre o indivíduo.

Dessa forma, o fato social:

"É geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma *existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter*" (op. cit., p. 11, grifo do autor).

Tal definição é totalmente coerente com a posição assumida por Durkheim na separação entre o psicológico e o social. Segundo esse autor, na coerção, ainda que não percebida pelo indivíduo, a sociedade atua sobre estes, determinando a sua maneira de agir. Essa noção funcionalista tem como base a idéia de sociedade como um sistema de relações, em constante busca de equilíbrio através do consenso e eliminação do conflito. A menos que a anomia se instale em larga escala, e por período duradouro, qualquer perturbação da ordem estabelecida é entendida como transitória.

A partir da definição do fato social, Durkheim maximiza o determinismo social, tomando-o como pano de fundo em seu discurso, explicitando as forças coercitivas que agem sobre as individualidades.

"Longe de ser um produto da nossa vontade, eles [os fatos sociais] a determinam a partir do exterior; constituem como que moldes dentro dos quais somos obrigados a plasmar nossas ações"(p.25).

A esta visão se contrapõe uma denominada de interacionista ou genética, defendida por Moscovici e outros psicólogos sociais europeus. Para Moscovici (1979, p. 12) "nesse modelo, o sistema [social] é definido e é resultante daqueles que nele vivem e os confrontam". Através das interações sociais de indivíduos e grupos, os papéis sociais, *status* e recursos psicológicos são compreendidos em sua dinâmica própria. Os papéis, embora determinados socialmente, podem ser assimilados ou negados, reificados ou recriados. Conquanto não possa ser ignorada a existência de uma tendência de busca de consenso e de adaptação, esta se configura como a contraparte da adaptação do ambiente ao indivíduo. Por outro lado, ao caráter do conformismo⁶ se opõe o da inovação, e a norma, na perspectiva interacionista, representa um resultado de transação passada e presente entre indivíduos e grupos.

⁶Os resultados da pesquisa de Asch (1960) sobre a influência da maioria foram reinterpretados por Moscovici (1979) em defesa de um paradigma da inovação, desenvolvendo uma teoria, a das minorias ativas, com valor heurístico confirmado por mais de quinze anos de pesquisa na Europa e nos EUA. Ver Del Prette (s.d.). Ver ainda, entre outros, Moscovici (1980), Mugny (1982) e Sachadev e Bourthais (1991).

O fato social, dessa forma, não deve ficar restrito à determinação social como pretendia Durkheim. A definição tomada de Mauss (1968, p. xxv) parece representar uma abrangência que inclui o fenômeno psicológico e contempla a possibilidade de interdependência entre as ciências sociais e humanas.

"O fato social total se apresenta com uma característica tridimensional. Ele possui a dimensão propriamente sociológica em seus múltiplos aspectos sincrônicos; a dimensão histórica ou diacrônica; e *enfim a dimensão fisiopsicológica*" (grifo nosso).

Tal definição impõe uma reflexão epistemológica de ordem diferente em relação àquela apresentada em *As regras do método sociológico*. Implica em reconhecer, no conceito de Mauss, as especificidades das diferentes áreas de conhecimento mas, também, uma interdependência real entre elas.

Outra consideração é a de que os fatos sociais se relacionam a múltiplos fatores podendo, portanto, ser analisados por diferentes disciplinas das ciências sociais e humanas. Em outras palavras, a definição acima integra reduções diferenciadas: a) dimensões do social (jurídica, econômica, religiosa, etc); b) momentos diferenciados da história pessoal (nascimento, infância, educação, casamento, etc); e c) diferentes formas de expressão (biológica, genética, psíquica, etc).

Não obstante tais especificidades, ou até a propósito delas, fica difícil traçarmos as fronteiras entre a Sociologia e a Psicologia Social (para nos referirmos apenas a essas duas) considerando o caráter integrativo das reduções.

Isto posto, deve-se supor um maior investimento da Psicologia Social na análise psicossocial do fato social.

A análise psicossocial

Pode-se identificar, atualmente, nos estudos psicológicos, o crescimento de uma preocupação com o que poderia ser chamado de sociologia do fenômeno psicológico. A contextualização do objeto pesquisado (descrições de ambiente e situações, identificação e localização do fenômeno no tempo e no espaço, levantamento de fatores culturais e econômicos, etc.) nada mais é do que a sua inserção na dinâmica social em que ocorre, ou seja descobre-se que o indivíduo não pode ser considerado sem que se leve em conta a sua qualidade de *socius*.

Isso não resolve o problema decorrente do reducionismo psicológico, da mesma maneira que a subordinação hierárquica entre as ciências do social não resultou em um conhecimento total sobre fatos sociais de maior complexidade como por exemplo, a ação coletiva.

Por outro lado, parece que a Sociologia tem se tornado sensível à repercussão individual dos fenômenos sociais, não descartando o nível de análise psicológico na explicitação das questões de seu campo. Esses "sinais" ou movimentos poderiam ser interpretados como indicadores de convergência? Pelo momento, pode-se pensar ao menos, no reconhecimento de estatutos específicos que, não impondo delimitações

grosseiras, aproximam as ciências sociais e deixam para trás a noção de subordinação de uma ciência à outra.

Mas, se a subordinação de uma ciência à outra pode ser descartada, o mesmo não ocorre com a noção de níveis de análise, que permanece e remete para distinções não teóricas, porém operatórias entre essas ciências. Significa (Del Prette, 1991) que um mesmo objeto pode ser visto sob diferentes perspectivas e apreendido por técnicas de análise distintas ou complementares. Tais técnicas são complementares quando indicam formas diferenciadas de aproximação do pesquisador ao objeto pesquisado na busca de sua totalidade.

O nível de análise do fato social, empreendido pela Psicologia Social, não se restringe exclusivamente à análise do indivíduo em oposição ao grupo ou sociedade. Tajfel (1979) critica essa noção, defendida por Taylor e Brown (1979), considerando-a meramente trivial⁷, referindo-se ao comportamento dos indivíduos no grupo em direção a uma perspectiva grupal. Também não se trata de tomar aqueles fenômenos tidos como residuais ou hiatos entre a análise psicológica e a sociológica mas de se considerar os mesmos fatos sociais na sua dimensão psicossocial, onde a complementaridade de outras disciplinas é de fundamental importância. O eixo da análise psicossocial é o da expressão da realidade social na dinâmica das relações entre indivíduos que são portadores de representações sociais. Em outras palavras, não se trata, como reafirma Moscovici (1990), de buscar uma causalção social ou subjetiva no estudo do fato social mas de explicitar as suas relações. O fato social pode, portanto, ser visto, na Psicologia Social, em um contínuo cujas polaridades são representadas pelo social e pelo psicológico.

Referências

- Adorno, T.; Frenkel-Brunswik, E.; Levinson, D. J. e Stanford, R. N. (1950). *The authoritarian personality*. Nova York: Harper e Row.
- Assagioli, R. (s.d.) *Psicossíntese - manual de princípios e técnicas*. São Paulo: Editora Cultrix (original de 1970).
- Asch, S. (1960). *Psicologia Social*. São Paulo: Editora Nacional (vol. 2).
- Bastide, R. (1950). *Sociologie et Psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bateson, G. (1985). *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé.
- Berger, P. I. e Luckmann, T. (1983). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A. (1990a). *Em busca de uma abordagem psicológica na análise dos novos movimentos sociais*. *Ciência e Cultura*, 42(12), 1060-1066.
- Del Prette, A. (1990b). *Movimentos sociais em uma perspectiva psicológico-social: O Movimento de Luta Contra o Desemprego*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de São Paulo.

⁷As posições de ambos os autores são analisadas por Del Prette (1990b) que identifica tendências psicologizantes e sociologizantes e defende a necessidade de superação da visão dicotômica indivíduo-sociedade.

- Del Prette, A. (1991). Do estudo de grupos ao estudo dos movimentos sociais: A contribuição possível da Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 7(3), 247-253.
- Del Prette, A. (s.d.). *Teoria das minorias ativas: Pressupostos, conceitos e desenvolvimento* (encaminhado para publicação).
- Doise, W. (1985). *Le développement social de l'intelligence*. Em G. Mugny (Ed.). *Psychologie Sociale du développement cognitif*. Berne: Peter Lang.
- Durkheim, E. (1972). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Freud, S. (1976). *Psychologie collective et analyse du moi*. Em S. Freud, *Essais questions de psychanalyse*. Paris: Payot (original de 1921).
- Fromm, E. (1964). *O conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fromm, E. (1969). *Meu encontro com Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Horkheimer, M. e Adorno, W. (1973). *Temas básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Grof, S. (1984). *Psychologie transpersonnelle*. Mônaco: Editora Rocher
- Janousek, J. (1972). On the Marxian concept of praxis. Em J. Israel e H. Tajfel (Eds.) *The context of Social Psychology*. London: Academic Press.
- Laing, R. D. (1987). *O eu dividido*. Petrópolis: Vozes.
- Le Bon, (1975). *The mind crowd*. Em R. R. Evans (Org.) *Readings collective behavior*. Chicago: Rand McNalley College Publishing.
- Le Bon (1986). *Psicologia de las masas*. Madri: Ediciones Morata.
- Le Bon (s.d.) *Psicologia das multidões*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Mauss, M. (1968). *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Mead, G. H. (1970). *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicandlise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moscovici, S. (1979). *Psychologie des minorités actives*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1980). Toward a theory of conversion behavior. Em L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Experimental Social Psychology*. New York: Academic Press.
- Moscovici, S. (1985). *La era de las multitudes: Un tratado histórico de la Psicología de las masas*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- Moscovici, S. (1990). *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mugny, G. (1984). *El poder de las minorías*. Madrid: Editorial Alianza.
- Reich, W. (1972). *Psicologia das massas do facismo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Reicher, S. D. (1984). The St. Pauls' Riot: An explanation of the limites of crowd action in terms of a social identity model. *European Journal of Social Psychology*, 14, 1-21.
- Sachadev, I. e Bourthais, R. Y. (1991). Power and status differentials in minority and majority group relations. *European Journal of Social Psychology*, 21, 1-24.
- Tajfel, A. (1972). Experiments in a vacuum. Em J. Israel e H. Tajfel (Eds.) *The context of Social Psychology*. London: Academic Press.
- Tajfel, A. (1979). Individuals and groups in Social Psychology. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 18, 183-190.
- Tarde, G. (1992). *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Taylor, D. M. e Brown, R. J. (1979). Towards a more social Social Psychology? *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 18, 173-180.
- Touraine, A. (1976). *Cartas a uma jovem socióloga*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Touraine, A. (1981). *O pós-socialismo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Walsh, R. e Vaughan, F. (Orgs.) (1991). *Além do ego: Dimensões transpessoais em Psicologia*. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- Wilber, K. (1989). *O espectro da consciência*. São Paulo: Cultrix.

Recebido em outubro de 94.

Aceito em dezembro de 94.